

Dossiê Desenhos Leandro Vieira¹

¹ Leandro Vieira é artista plástico, carnavalesco da Mangueira e da Imperatriz Leopoldinense. Formado pela Escola de Belas Artes da UFRJ, estreia como carnavalesco da Mangueira em 2016 e vence o carnaval com o enredo “A menina dos olhos de Oyá”, homenagem a Maria Bethânia. No ano seguinte, com o enredo “Só com a ajuda do santo”, a verde e rosa recebe o prêmio de melhor escolar do Estandarte. Em 2018, o enredo “Com dinheiro ou sem dinheiro eu brinco” recebe 3 prêmios do Estandarte de Ouro. Em 2019, com “Histórias para ninar gente grande”, a Mangueira ganha seu 20º título do carnaval carioca. Em 2020, leva Jesus Cristo à Sapucaí pela Mangueira, e homenageia Lamartine Babo na Imperatriz Leopoldinense.

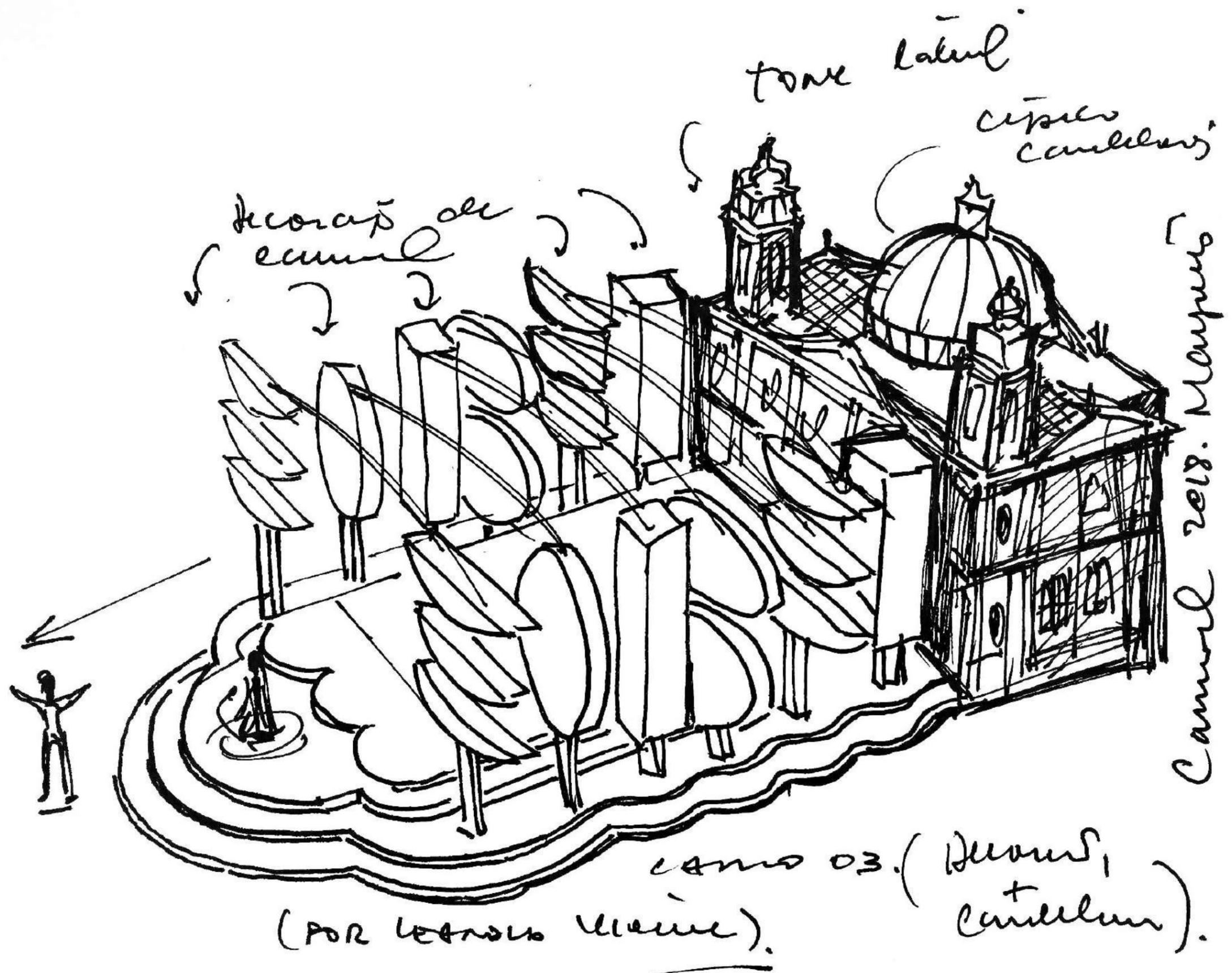
Nota introdutória

Esse dossiê visita esboços e imagens de figurinos e alegorias desenhados por Leandro Vieira para a Imperatriz Leopoldinense 2020 e carnavais anteriores da Mangueira. Chamar atenção para o detalhe e suas marcas sutis apresenta vantagens e desvantagens. Destaca-se a criação, descontextualizando o enredo; perde-se a manifestação viva dos corpos e sua forma móvel e transformadora amplificada na festa, ganha-se, por outro lado, proximidade à trama de gestos, de estórias e de resistências revistas pelo artista, incorporadas por materiais e cores que desafiam os contornos do espetáculo. Leandro Vieira parece atento à subversão de não caber nos contornos, ampliando escalas, explodindo efeitos. Nessa paleta, muitas vezes esmaecida, de variados elementos da linguagem das ruas, o ordinário, a gambiarra, o “mal-acabado” tornam-se condição do efeito extraordinário e refletem argumentos e negociações de uma estética para além da opulência.

Estranhas combinações de cores dizem tanto do contraste desmaiado do verde e rosa quanto da mistura das sensações que emergem em manobras de dissociação e reviravolta dos valores. A versão da fantasia verde e rosa em tons pastéis, que pende em fitas coloridas de tecido flanela, ressalta a delicadeza do contraste, mas continua gerando uma materialidade perturbadora. O recurso de colocar uma dupla cabeça, a do componente e, por cima, uma segunda, da máscara, estrutura referências em gestos da festa popular, desde os bonecos gigantes do carnaval pernambucano às máscaras geledés, passando por liturgias indígenas, em que a máscara se faz como uma roupa inteira. Tais máscaras sobrepõem-se ao sujeito lembrando sua condição de ser só corpo, todo corpo, prene de sensações. Urdidos com qualidades diferenciadas, figurinos de personagens imperiais imitam babados e referências barrocas com luxuosos laços de cetim. Envoltos em ondulações rebuscadas trazem um toque de ironia, lembram embrulhos e embalagens que apenas enfeitam, independente de seus conteúdos.

Outros desenlaces, que ressignificam referências históricas, religiosas ou carnavalescas, também podem ser vislumbrados nas imagens fotográficas. O jogo entre imagens e escalas atravessa os estandartes de ídolos do futebol. A estética do alto contraste, que figura os jogadores nas bandeiras, ou mesmo as duas cores geralmente presentes nos emblemas e uniformes dos times, retrata também a própria lógica binária do jogo. Na linguagem de Leandro Vieira, no entanto, para além das oposições binárias, a aposta consiste em virar o jogo.

org. Inês de Araujo, Marcelo Campos e Felipe Ferreira







Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

